

# **A Cidade de Goiás em Cores Vivas: Revisitar a Paisagem Viva**

## **Narrativa de Viagem**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Valéria Cristina Pereira da Silva

Uma vez mais, num dia quente de primavera, com ares e calor de alto verão, fui em visita com meus alunos à Cidade de Goiás, a antiga Vila Boa de Goiás, nome histórico que o passado lhe concedeu. Desta vez foi a turma de Geografia Cultural de 2019. Incontáveis vezes fiz esse roteiro, com diferentes enfoques e nuances. Roteiro artístico literário, a memória e o espaço, a cidade e as sensibilidades... Agora a Paisagem Cultural. Após as recentes restaurações feitas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no ano de 2017, a cidade ganhou variados matizes de azul e branco, ampliando uma atmosfera sagrada e imaculada que a cidade possui como cenário da festa religiosa e espaço da Procissão do Fogaréu. A predominância do azul e branco, aqui e acolá é salpicada de outros tons, predominante, pastéis: rosa, verde campestre, lilás, creme... As tintas renovam a cidade colonial e colocam uma pátina no tempo das fachadas de outrora, que ainda temos no agora. A cidade de pedra, tempo, palavras e pessoas e, portanto, de memórias, lembranças, recordação.

Suas janelas continuam encantadas e sempre cheias de novas floreiras, novas namoradeiras e agora também o namorador ou namorado e ainda nestas janelas os mini-faricocos, as marias-grampinhos, penduricalhos, grandes xícaras-cachepô e toda sorte de mercadorias-lembranças, coloridas e lúdicas fazendo a paisagem da janela e o seu reenquadramento, agora de fora para dentro.

*Figura-1- Pátina do Tempo em Azul e Branco*



*Foto de Valéria Cristina Pereira da Silva –Trabalho de Campo em Goiás 29 e 30 de setembro de 2019.*

*Figura 2- Janelas Encantadas da Cidade de Goiás: Namorador e Namoradeira*



*Foto de Valéria Cristina Pereira da Silva –Trabalho de Campo em Goiás 29 e 30 de setembro de 2019.*

Cidade de Goiás, lisa delgada, acetinada de tempo e tinta, contornada pela moldura da Serra Dourada tem a sua paisagem cultural, natural, histórica e holística que convida a sair às ruas e caminhar nas ladeiras de pedra, sentar-se a praça do coreto e suas

histórias e memórias. Numa cidade de colonização e arquitetura portuguesa o Coreto da Praça é uma memória da influência francesa na cultura Vila Boense. Uma memória da viagem e do olhar estrangeiro voltado para Europa num misto de desejo e encantamento que insere uma pequena história na paisagem e que se multiplica em iconografia.

A primeira imersão na paisagem foi externa o contato, com a rua, o movimento, o espaço público, os elementos perceptivos. Já segunda imersão foi no espaço interior, deu-se no Palácio Conde dos Arcos – antiga sede do Governo- e hoje Museu Histórico que narra em forma de objetos a história celebrativa da Cidade de Goiás. As riquezas, as glórias passadas inscritas na cultura material plena de visibilidade. O que mais chama a atenção são as porcelanas, louças e pinturas. Pinturas ilusionistas da perspectiva barroca, dentre elas o Retrato de Dom Pedro que nos acompanha, enquanto caminhamos pelo salão. Ele já está lá há tantos anos, mas mesmo eternizado, está cada vez mais velho, aguardando merecida restauração.

Outra paisagem interior que adentramos foi o Museu Casa de Cora Coralina um universo que muito dialoga com a paisagem exterior, por inscrever na própria cidade a memória poética de Cora Coralina. Lá nos colocamos para ouvir histórias de pessoas e de livros. Cora Coralina está sempre representada, em forma de escultura, postada na Janela, a nossa espera pronta nos receber e contar sua história de vida, sua saga literária e tomando de emprestado as próprias palavras de Cora Coralina “sua carpintagem do imaginário”. Essa poeta-doceira, por opção, que Morava na Casa Velha da Ponte! Bela jovem da Casa Velha da ponte quando admiramos o seu retrato. Um retrato ovalado de uma jovem por volta dos seus 20 anos, de vestido claro, ornado, bem cortado, tudo combinado: do traje ao penteado emoldurada num retrato ovalado! A juventude preservada no fluxo congelado do retrato, grafia eterna de luz que fica muito bem na parede. A vida de Cora Coralina é contada na casa

cômodo à cômodo, a cozinha dos doces de Cora, o fogão de lenha, as prateleiras, os utensílios, suas astúcias, dores e vitórias. O quarto e seus pertences de outrora, lembranças da intimidade que só a casa guarda! Na varanda, a porcelana chinesa nos leva a um livro: O Prato Azul-Pombinho, a história nos é recontada, história de infância, triste e trágica...

Vamos aos cômodos, ao porão de Maria Grampinho, ao encontro com Drummond e lembramos o quando Minas é irmã de Goiás-GO, através das palavras do poeta. A a sala, a biblioteca o quintal, a galeria de retratos de encontros, de saudades e de poesias.

Quando olhamos a Casa Velha da Ponte que esplendor na paisagem! Como é o esplendor na literatura! E Cora que tanto fez para a grandiosidade dessa paisagem com a sua literatura, dando palavra poética cidade, enriquecendo de palavras a paisagem, recebeu em 2019, mais uma justa homenagem: além de estar na janela do rio, olhando para a paisagem, agora ela se “senta” ao pé da ponte em frente “a Cruz do Anhanguera, uma vez mais eternizada:

*Figura 3- Ponte sobre o Rio Vermelho e Casa de Cora Coralina*



*Foto de Valéria Cristina Pereira da Silva –Trabalho de Campo em Goiás 29 e 30 de setembro de 2019.*

**Figura 4 - Escultura de Cora Coralina do outro lado da ponte, voltada para o monumento Cruz do Anhanguera, inaugurada em 2019.**



*Foto de Valéria Cristina Pereira da Silva –Trabalho de Campo em Goiás 29 e 30 de setembro de 2019.*

Cora Coralina, Augusta de Faro Fleury Curado, Otto Marques, Frei Confaloni, Goiandira do Couto, Leodegária de Jesus e tantos outros artistas, escritoras do *Jornal o Lar* e artistas plásticos são “vila boenses” ou relacionam a sua arte com a paisagem da Cidade de Goiás, fazendo-a rica em símbolos, ícones, imagens, gesto sinais. Goiandira do Couto recriava as paisagens da Cidade de Goiás com tintas feitas de terra e rocha, do seu próprio solo saíam imagens a base de micas verdes brilhantes, tintas de rochas de tom ocre e carmim transformadas em paisagens surpreendentes. Traços suaves de toques de areias de Goiás que a faz uma artista única.

A arte da paisagem nesta cidade é externa e interna e um outro exemplo são as Igrejas da Cidade de Goiás, a antiga Igreja da Boa Morte, Museu de Arte Sacra, A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que insere o neogótico na sua paisagem colonial. A Igreja esguia e delicada traz outra imagem, faz-se um novo marco desde a reconstrução na década de 1930 do século XX. O tom cinza do exterior contrasta com os tons terrosos do Frei Confaloni, que

usando outra técnica pictórica e outra temática, também cola os tons da terra, e expressões populares na pintura que estampa o interior da Igreja.

Na Igreja de Santa Bárbara impressiona sua instalação no auto do morro, da qual se abarca a vista da cidade. Ao entardecer o contraste entre a Igreja Azul e Branco de Santa Bárbara, santa das águas e das tempestades, segundo a hagiografia, ou seja, a biografia do santo ou santa, cuja igrejinha no crepúsculo faz uma explosão de cores na paisagem.

*Figura 4- Igreja de Santa Bárbara*



*Foto de Valéria Cristina Pereira da Silva –Trabalho de Campo em Goiás 29 e 30 de setembro de 2019.*

*Figura 4- Crepúsculo: Paisagem vista da Igreja de Santa Bárbara*



*Foto de Valéria Cristina Pereira da Silva –Trabalho de Campo em Goiás 29 e 30 de setembro de 2019.*

Caminhar por Goiás é pisar no passado e, ao mesmo tempo, andar no presente. O seu espaço vivido é também o seu tempo vivido que se anuncia como ponte para o futuro. A cidade guarda segredos, memórias incontáveis atrás das portas fechadas das casas, no domínio íntimo e privado dos espaços. O espaço público das ruas, calçadas e praças guardam memórias e possibilitam narrativas de outros modos de viver a cidade, os usos coletivos de cada tempo, o lazer e o trabalho e o papel da rua, da calçada e praça segundo os modos de sociabilidade.

Nas ruas a paisagem vivida ganha ainda mais sentido e em meio a memória evocada pelo visível, mas também pelos odores e os outros sentidos que fazem a paisagem. No nosso trajeto, surgiu um aroma maravilhoso de lenha queimando no fogão. Esse perfume de madeira ardendo defumada e adocicada também tocou nossa memória e o nosso imaginário. Cada qual, sonhou seus sonhos de fogo e de fogões à lenha e, assim, o vivido da paisagem tornou-se também o nosso vivido.